

**O EXISTENTE HUMANO SEGUNDO  
A ANALÍTICA EXISTENCIAL  
HEIDEGGERIANA: CONSIDERAÇÕES  
SOBRE O SENTIDO DO SER NO  
POEMA “NEM TANTO AO CAOS” DE  
TIÃO PINHEIRO**

*THE HUMAN EXISTING ACCORDING  
TO HEIDEGGERIAN EXISTENTIAL  
ANALYTICS: CONSIDERATIONS ON THE  
MEANING OF BEING IN THE POEM  
“NOT SO MUCH TO THE CHAOS” BY  
TIÃO PINHEIRO*

**Milton Cássio Andrade do Prado 1**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo discutir e identificar elementos que compõem o modo como a existência humana é apresentada no poema *Nem Tanto ao Caos* do autor tocantinense Tião Pinheiro, compreendendo o existir do poeta e da obra como a própria “verdade do ser” expressa na arte. Perspectivas filosóficas como a analítica existencial de Heidegger despertaram no autor deste trabalho centelhas que recaíram em refletir sobre o eu lírico no poema de Tião Pinheiro, a lume das reflexões do filósofo alemão. Trouxe à baila o conceito de *Dasein* e o que o compõe — em particular a temporalidade, a espacialidade, o contingencial — e de ente (elemento intramundano) para elaborar um trabalho de aproximação, ao menos parcialmente, entre Heidegger e o autor tocantinense tendo como objetivo discutir o poema à luz desses conceitos centrais à analítica da existência. Utilizou-se da narrativa literária partindo da premissa de que seja aquilo que mais se aproxima da vivência humana experienciada no dia a dia.

**Palavras-chave:** Poesia. Abertura Existencial. *Dasein*.

**Abstract:** This work aims to discuss and identify elements that compose the way human existence is presented in the poem *Not So Much to the Chaos* by the Tocantins author Tião Pinheiro, it understanding the poet existence and the poetic work as the “truth of being” “Expressed in art. Philosophical perspectives such as Heidegger’s existential analytics aroused on author of this work sparks that lead to reflecting on the poetic persona in Tião Pinheiro’s poem, in the light of the reflections of the German philosopher. It brought up the concept of *Dasein* and its components - in particular temporality, spatiality, contingency - and the entity (intramundane element) to elaborate a work of approximation, at least partially, between Heidegger and the author from Tocantins and it having as objective to discuss the poem in the light of these concepts central to the analysis of existence. We used the literary narrative based on the premise that it is what comes closest to the human experience experienced on a daily basis.

**Keywords:** Poetry. Existential Openness. *Dasein*.

## Introdução

Como tema dessa escrita propõe-se do ponto de vista estritamente hermenêutico a aproximação de Heidegger e o poeta Tião Pinheiro submetendo à apreciação o poema “Nem Tanto ao Caos” à luz dos conceitos centrais da analítica da existência heideggeriana. Existe uma espécie de diálogo entre o autor de literatura, sua obra e o leitor/observador, e não apenas uma introjeção<sup>1</sup> de ideias, e é por meio dessa teia enunciativa que o ser do homem interpreta obra mundo e a si próprio *pari passu*.

No intento de tecer considerações relacionadas aos elementos do texto literário que compõem a condição existencial do homem, em especial os trazidos no poema “Nem Tanto ao Caos”, busca-se suas semelhanças comparadas ao construto teórico de Heidegger em relação a termos técnicos de sua obra *Ser e Tempo* como o *Dasein*, e sua capacidade de estar aberto para o mundo, e o que é compartilhado pelo “autor” ao conceber a sua poesia como meio de possibilidade dessa abertura.

O problema de uma “situação hemenêutica” relacionada à poesia de Tião Pinheiro, que a desvincule do viés existencial de análise incorre no velamento de seus constituintes, negando os elementos verossímeis que a eleva à condição de “convite à vida”. Há a necessidade de uma interpretação filosófica que se atente às demandas vigentes do homem do século XX e XXI, que cada vez mais absorvido por aquilo que faz (fruto da submissão da natureza aos domínios da técnica) inviabiliza o modo de descobrimento do seu ser.

Em sua obra *Ser e Tempo* (2005), Heidegger discute o esquecimento da questão do ser pelos pré-socráticos impossibilitando a busca do sentido original do ser — desocultação que possibilita o conhecimento de todas as coisas — e conseqüentemente do mundo que o circunda. Reiterando a respeito, Heidegger (2005) argumenta:

A questão do ser visa portanto às condições *a priori* de possibilidade não apenas das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão de ser. A questão do ser visa às condições de possibilidade das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas. Por mais rico e estruturado que possa parecer o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido de ser e não tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental (HEIDEGGER, 2005, p. 47).

Heidegger discorre sobre o fato da metafísica tradicional ter abandonado o sentido original atribuído ao ser. Pesquisando os entes em suas entidades sempre se movem numa compreensão de ser pré-concebida, o que leva a desconsiderar a diferença ontológica entre ser e ente (iniciando um processo de entificação do ser pelas ciências positivas) como se o *ser* não fosse mais digno de ser posto em questão.

A intenção de apresentar a poesia de Tião Pinheiro como expressa manifestação das vivências (nocivas que são) individuais e coletivas do homem não parte de um capricho do autor deste texto, mas sim do intuito de propor uma reflexão sobre a complexidade com a qual o poeta e obra vistos do prisma existencial heideggeriano dialogam com o leitor.

Dentre essas questões, propõe-se interrogar a obra poética — representada aqui pela poesia de Tião Pinheiro — atendo-se às referências de sentidos prévios e estranhos ao mundo mostradas nela, que são fundamentais do ponto de vista fenomenológico hermenêutico.

A pesquisa busca tanto o sentido do *Dasein* exposto no texto de Tião Pinheiro, como o

1 “Processo de incorporação, no sistema do ego, da imagem de um objeto tal como se concebe que ele seja; projeção das próprias características ou processos mentais em objetos inanimados; interiorização.” In: MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=introje%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 Mar. 2021.

sentido do *Dasein* do poeta, que levado para o centro da especulação filosófica possibilita a interpretação existencial de sua obra, do mundo que o circunda e de si mesmo. O ser do poeta (*Dasein*), que se reconhece e reconhece o outro, passa a ser visto como o que se desvela possibilitando essa mesma abertura ao outro (ente). Sobre a condição privilegiada do *Dasein*, Heidegger (2005) disserta:

Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que a presença se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e se manifeste com e por meio do seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão de ser é em si mesmo uma determinação de ser da presença. O privilégio ôntico que distingue a presença está em ela ser ontológica (HEIDEGGER, 2005, p. 48).

É sendo que o *Dasein* compreende o seu ser e o outro, por exemplo: é o refletir do ser existente (*Dasein*) sobre um pássaro (ente) que proporciona a esse último a sua abertura de existência, desta forma é apenas o *Dasein* quem torna todos os outros entes existentes (enquanto possibilidade).

Ler a poesia de Tião Pinheiro a lume do viés existencial possibilita ao leitor/observador que a interrogue, retornando a si próprio, entendendo a coisa mesma a que a obra se refere fundindo-a aos seus horizontes. Na busca pelo sentido do ser no poema, resguardado pela linguagem, o leitor passa a ruminar a respeito do seu próprio existir. Há uma “teia de sentidos” envolvendo autor, obra e leitor, na qual o mundo do leitor e do ente observado se reconhecem, transgredindo em si mesmos nas suas possibilidades mais próprias, sendo esta a forma autêntica de ser.

## **Os Conceitos Fundamentais da Analítica da Existência de Heidegger: Chave de Leitura**

Em um período histórico no qual o pragmatismo técnico exerce inegável influência sobre todas as vertentes que impulsionam a própria vida, e a forma como o homem a enxerga, leva-o a ser cada vez mais absorvido por aquilo que ele faz. Nesse contexto, torna-se cada vez mais recorrente os questionamentos relacionados ao porquê da relevância do estudo e/ou pesquisa sobre Literatura. Cabe salientar que pensar na Literatura de um determinado meio é pensar em um saber intrinsecamente relacionado ao processo de formação de uma civilização, e do que constitui esse processo.

É importante que se pense sobre os estudos que priorizam a Literatura não apenas como objeto de pesquisa no estudo da técnica, textos, autores ou puramente estético, mas que se detenha às questões ainda em aberto do fazer literário, o seu lastro subjetivo. Partindo dessa premissa busca-se nesse trabalho averiguar o interno da poesia tocantinense, em particular a de Tião Pinheiro. Faz-se necessário desnudar a poesia tocantinense na busca de uma possível compreensão do aspecto regional da constituição histórico-artística na qual o brasileiro está inserido, e ao passo em que essa viagem é feita revela-se a conversão desse conjunto de conhecimentos partindo do regional ao universal.

O Regionalismo surge inspirado no gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico, gosto que já se manifesta no poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Ao se estudar a literatura regional o pesquisador reconhecendo que esta seria uma das vias de compreensão, não única, da dialética estabelecida entre o fazer literário regional e o universal buscando sintetizar aquilo que possa ser considerado como manifestação representativa do homem que povoa, concomitantemente, as duas esferas (CANDIDO, 1975).

Parte-se da premissa que a poesia de Tião Pinheiro disponibiliza subsídios suficientes para se alcançar essa síntese — não pronta — substancial conforme dá indícios da busca do sentido do ser, tendo como auxílio teórico a analítica da existência heideggeriana.

Há de se ter uma atenção especial à linguagem de Heidegger, já que ele propondo-

-se a “destruir” a metafísica ocidental teve de reinventar um vocábulo filosófico vigente, adaptando-o ao seu propósito. É determinante pensar que os termos criados por Heidegger em seu construto filosófico se afastam de interpretação particular dada a eles, visto que seu discurso filosófico possui uma forma própria, expondo características não-argumentativas evocando (importando a sua interpretação pelo intérprete) e tencionando os leitores à uma leitura descritiva, com base na fenomenologia hermenêutica. Há de se compreender os conceitos da analítica da existência aplicadas por Heidegger, doravante citados no texto, assim como as suas funções no trabalho.

No que trata das barbáries cometidas pelo homem, sobretudo as que envolvem as duas grandes guerras que atingiram o apogeu do infortúnio humano, tornou-se vital uma filosofia que pudesse atender às demandas sobre as questões do ser, que fora tomado por um “vazio” que permeava as correntes filosóficas como: racionalismo, idealismo e positivismo. Essa “insuficiência” fez com que, dentre outros fatores, perspectivas filosóficas como a analítica da existência ganhasse cada vez mais campo e notoriedade.

Ao buscar uma definição para “analítica da existência” cabe considerar a que a trata como uma área da filosofia que tem como questão central o “interesse pela humanidade enquanto tal e suas relações com o mundo”<sup>2</sup>. Ainda sobre o que é a analítica da existência pode-se considerar que “[...] significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo e se define em seguida”<sup>3</sup>.

Heidegger, leitor insaciável da história da filosofia, foi em grande medida influenciado por Kierkegaard que mesmo não usando essa alcunha é aceita a ideia de atribuí-lo o *status* de “o primeiro existencialista”. Várias ideias consideradas “existencialistas” na filosofia kierkegaardiana passaram a ser fundamentais para o desenvolvimento dos conceitos heideggerianos em sua obra magna *Ser e Tempo*.

Ao tratar da relação do eu lírico no poema *Nem Tanto ao Caos* com o que o cerca à luz da analítica da existência de Heidegger, conceitos como: *ser*, *Dasein*, *ser-no-mundo* e ente intramundano devem ser pensados à parte na busca de analisar qual o papel que cada um deles representa no horizonte do texto. Em *Ser e Tempo*, Heidegger inicia uma busca em compreender o ser fora do dualismo sujeito/objeto, o que propõe pensar o mundo como instância fundamental para romper com a estrutura sujeito-objeto na qual não se considera mais o sujeito frente ao objeto (ente) ou vice-versa. Essa quebra do esquema dual na perspectiva filosófica heideggeriana parte do registro da copertinência na articulação *Dasein*-ente-mundo. Partindo dessa vertente não há mais o privilégio da constituição do mundo/sujeito ou vice-versa, mas sim uma simultaneidade.

A expressão *ser-no-mundo* surge dessa copertinência simultânea entre homem, o ente e o mundo da qual Heidegger se referiu, e ao mostrar essa relação de simultaneidade (*ser-no-mundo*) o autor propõe pensar que o homem, sendo no mundo, percebe seu sentido na articulação com ele, enquanto o ente intramundano pode apenas estar dentro do mundo compondo os instrumentos manuais dos quais o *ser-no-mundo* se ocupa. Só o *ser-no-mundo* é capaz de reconhecer a si próprio e os outros entes, e é da articulação entre ambos que surge o mundo (HEIDEGGER, 2005).

Além da compreensão de cada um desses conceitos que compõem a analítica existencial heideggeriana cabe analisar o papel que eles cumprirão no objetivo do trabalho de propor uma análise descritiva fenomenológica da poesia de Tião Pinheiro tendo em vista essa articulação *Dasein*-ente intramundano-mundo ocupando-se dos existenciais<sup>4</sup>. Na sua investigação sobre o sentido do ser que o diferencia dos entes intramundanos, Heidegger descobre no exis-

2 (LACEY, 1996, p. 108).

3 (SARTRE, 1973, p. 19).

4 Existenciais são as determinações ontológicas específicas para capturar e apresentar o ser de entes existentes. Os existenciais são contrastados com categorias, que são as determinações ontológicas de entes intramundanos não-existentes. Os existenciais mais importantes para a analítica existencial do sentido do ser são: A espacialidade (a faticidade enquanto condição existencial mundana de possibilidade/limite). O *ser-no-mundo* (*ser-com*, a condição existencial do mundo da vida). A temporalidade, tendo em vista que é apenas a partir da consideração, primeiramente, da temporalidade do *ser-aí* que uma resposta concreta à questão do ser poderá ser dada (a condição existencial de *ser-para-a-morte*).

tencial humano alguns traços fundamentais do seu ser como: os existenciais morte e angústia, sendo esses, traços fundamentais do ser-no-mundo.

Infere-se que quando o *Dasein* reconhece sua finitude aproxima-se cada vez mais do seu fim (sua possibilidade mais própria) e se angustia, e essa condição é um privilégio seu. Cabe ressaltar que a angústia não é oriunda de um ente intramundano qualquer, mas da possibilidade própria do *Dasein* de se reconhecer como ser finito (HEIDEGGER, 2005).

Cabe salientar que a temporalidade, o existencial fundamental para a compreensão do ser, é considerada por Heidegger como o traço mais importante de investigação do sentido do ser. Deve-se pontuar que o que está em questão em relação à temporalidade considerada pelo filósofo alemão como traço fundamental do ser-no-mundo é a ideia de finitude. Sobre a caracterização do tempo vulgar e da temporalidade do *Dasein* como *tempo originário*, Heidegger (2005) disserta:

A temporalidade Ekstática e horizontal temporaliza-se, primordialmente, a partir do porvir. A compreensão vulgar do tempo, ao contrário, vê o fenômeno fundamental do tempo no agora e no puro agora que, moldado em toda sua estrutura, se costuma chamar de “presente”. Daí se pode depreender que, em princípio, deve ficar fora de qualquer possibilidade esclarecer e, sobretudo, derivar desse agora o fenômeno ekstático e horizontal do instante que pertence à temporalidade própria (HEIDEGGER, 2005, p. 524).

O autor aborda que a temporalidade própria é assumida pelo existente humano, pois o *Dasein* por ser capaz de interrogar a respeito do tempo guarda uma relação de copertinência com ele.

O *Dasein*, capaz de interpretar o mundo, não vê as coisas como coisas simplesmente dadas. Heidegger propõe que se pense na espacialidade a partir do *Dasein*, evitando a dicotomia entre sujeito e objeto pelo pensar pré-reflexivo do homem que já se reconhece, e interroga a si e o mundo. Ao tratar de espaço e espacialidade, o autor propõe pensar no espaço como algo que se apresenta *a priori*, essa anteposição dá ao *Dasein* a condição de experienciá-lo. Nos dizeres de Heidegger (2005):

O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço. O espaço não se encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo “como se” estivesse num espaço. É o “sujeito”, entendido ontologicamente, a presença, que é espacial em sentido originário. Porque a presença é nesse sentido espacial, o espaço se apresenta como a priori. Este termo não indica a pertinência prévia a um sujeito que de saída seria destituído de mundo e projetaria de si um espaço. Aprioridade significa aqui precedência do encontro com o espaço (como região) em cada encontro do que está à mão no mundo circundante (HEIDEGGER, 2005, p. 166).

Ao tratar da espacialidade e temporalidade Heidegger busca avançar na investigação do fenômeno do ser, pois para o filósofo da floresta negra havia uma relação indissociável envolvendo o *Dasein*, tempo e espaço sendo esses constituintes existenciais determinantes para que ele possa alcançar a sua historicidade própria — assumir sua condição de ser-para-a-morte, que dispõe de um tempo para realizar-se, retirando-se do cotidiano provisório.

O método fenomenológico hermenêutico heideggeriano pautado na ontologia como



compreensão do ser torna-se via de acesso para interpretar o *Dasein*. A fenomenologia hermenêutica é o método interpretativo utilizado por Heidegger para restaurar sentidos básicos dos fenômenos sustentando a máxima da fenomenologia “voltar às coisas mesmas”.

Na busca do sentido do *Dasein* superando o dualismo entre representação e representado, Heidegger propõe pensar num cenário no qual essa atividade se torne possível, esse cenário é a analítica existencial fundada na ontologia fundamental (STEIN, 2002).

Heidegger constrói uma “ontologia fundamental”, na busca da construção categorial de sua analítica existencial. Construção esta que permanece aberta, por não conseguir apanhar todos os elementos formais que envolvem a condição humana. Pressupostos teóricos tal como a sua analítica existencial são tidos aqui como modo não acessório de compreender o homem. Em suma, trata-se de uma analítica que leva ao desvelamento das estruturas do *Dasein*, do ente que se distingue pela sua relação com o ser, e não aquela indistinta dos entes em geral.

### O *Dasein*, Seu Desvelamento e a Arte

Dado que questões existenciais sempre acompanham e emergem das obras literárias, cabe explicitar quais são as que podem ser tratadas no poema de Tião Pinheiro que traz consigo questões comuns aos temas que são há muito tidos como noções elementares da analítica da existência de Heidegger. Buscará, no expressar artístico próprio do homem que é “o texto literário” um item de reflexão sobre ser do *Dasein* e, ulteriormente, como artífice de superação da condição intramundana provisória do ente. Pelo clareamento poético o *Dasein* é no mundo, revelando a sua estrutura ontológica, sendo esse desvelar fruto do privilégio ontológico do questionamento.

Ao investigar a dimensão ontológica do *Dasein*, Heidegger procura retomar a questão do ser supondo que ela havia caído em esquecimento, e para recolocá-la lança mão de uma série de expedientes, a analítica da existência, a fenomenologia do ser-no-mundo que se distingue fundamentalmente de qualquer ciência positiva. Heidegger retoma a ideia de pensar o modo de viver do ser, o qual tem sido tratado como ente intramundano (indiferente dos demais) reduzindo-o apenas a uma das suas várias possibilidades de ser.

Ao oferecer ao menos uma resposta provisória a respeito da diferença ontológica entre *Dasein* e ente intramundano, Heidegger (2005) enuncia:

Na compreensão de ser, que, enquanto compreender, pertence à existência da presença, abriu-se algo como “ser”. Embora não concebida, a abertura preliminar de ser possibilita que, como ser-no-mundo existente, a presença possa relacionar-se com o ente que vem ao encontro dentro do mundo e também consigo mesma, enquanto existente (HEIDEGGER, 2005, p. 535).

A fenomenologia hermenêutica é o método de análise utilizado para se chegar às coisas mesmas, partindo do ser do ente ao *Dasein* não apenas como uma sequência que se desencadeia. Enquanto o ser dos entes é compreendido dentro do mundo, o *Dasein* se relaciona com esse mesmo “mundo circundante”.

Argumenta-se que a forma privilegiada do *Dasein* não deva ser interpretada como sendo entranho ao ente, mas como um desdobramento deste último (Heidegger, 2005). Heidegger aplica o conceito de *Dasein* ao ser expresso em habilidades, múltiplas possibilidades de ser, que em relação com o mundo se faz existente — dotado de potencialidades de uma existência autêntica possível. É só na lida cotidiana do *Dasein* junto a outros entes que ele se apresentará como desdobramento dessa “ocupação”, que acontece no mundo cotidiano do *Dasein*, sendo que importantes dimensões que emergem da existência humana tendem a ser, também, encobertas pela cotidianidade.

Sobre o encobrimento de elementos existenciais na cotidianidade, Heidegger (2005) conjectura:

Ninguém duvida de que se morre. Esse “não duvidar”, porém, já não precisa incluir em si o estar-certo, que corresponde àquilo que a morte introduz na presença enquanto possibilidade privilegiada [...]. A cotidianidade para no momento em que admite ambigualmente a “certeza” da morte a fim de enfraquecê-la e aliviar o estar-lançado na morte, encobrendo ainda mais o morrer (HEIDEGGER, 2005, p. 332).

Tratando ainda da morte como elemento factual da experiência do “morrer” dos outros, o que corrobora para o seu encobrimento, nas palavras de Heidegger (2005):

Diz-se que a morte é certa e, com isso, implante-se, na presença, a aparência de que se está em si mesmo certo da morte. E onde se encontra o fundamento do estar-certo cotidiano? manifestamente ele não reside numa persuasão recíproca. Cotidianamente faz-se a experiência do “morrer” dos outros. A morte é um inegável “fato da experiência” (HEIDEGGER, 2005, p. 333).

De imediato, infere-se que o poema “Nem Tanto ao Caos”, tomando a literatura como fonte de experiências cotidianas — além da expressão de afetos mais ensolarados e radiantes da poesia — estabelece um elo entre o mundo ficcional e real numa tentativa tácita do autor de exprimir suas angústias relacionadas ao existir circunstancial, recorrendo à linguagem ve-róssimil da poesia.

Revela-se aqui a capacidade do poeta de sintonizar-se com as próprias vivências, o que do ponto de vista fenomenológico é indispensável para desvelamento do *Dasein*. A analítica existencial prima pela investigação do *Dasein* na sua relação com o ente intramundano, relação pela qual o poeta, a título de comparação, se distingue de outros entes (intramundanos), sendo, o eu lírico no seu labor artesanal artístico compreende (interrogando) o seu próprio modo de ser e do outro, pois ao se interrogar algo interroga-se o que está a sua volta.

Especula-se que a obra além de carregar referências dos materiais com os quais fora produzida carrega os traços do modo de ser de quem a produziu. Ao contrário do conceito de algo dado empregado pelo senso comum, Heidegger (2005) propõe pensar na natureza como descoberta a partir da obra produzida, nas palavras do autor:

Nos relógios leva-se sempre em conta determinada constelação do sistema cósmico. Quando olhamos um relógio, fazemos um uso implícito da “posição do sol”, segundo a qual se faz o ajuste astronômico da medição oficial do tempo. No uso do instrumento relógio, manuseado discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está à mão (HEIDEGGER, 2005, p.119).

Na investigação proposta pela tradição filosófica o sujeito acessa o mundo através do conhecimento, partindo de uma relação teórica. Em contrapartida, na perspectiva filosófica heideggeriana da análise da existência o *Dasein* evoca os entes revelando a natureza do mundo circundante. O mundo aparece para o *Dasein* como desdobramento de sua ocupação com os entes que vêm ao seu encontro de maneira prática.

Pontos fundamentais na analítica existencial de Heidegger em relação ao *Dasein* como a angústia, temporalidade, outro/ente, e finitude, são viscerais ao encontro latente que coloca frente a frente homem e mundo onde o ente pode alcançar — enquanto possibilidade — sua condição de *Dasein*.

A poética de Tião Pinheiro em sua condição privilegiada é proveniente da inquietude e

angústia do ser lançado no mundo por se projetar para o futuro (para morte) e retornar para apropriar-se de sua temporalidade própria. E é nessa busca de compreender a vida no seu aspecto existencial, que Tião Pinheiro (2008) escreve:

NEM TANTO AO CAOS

cá, neste nosso sítio,  
a construção já é ruína  
e, fora da nova ordem mundial,  
tem a morte e tem o amor,  
a poesia e tem a prosa.  
na época mais podre  
eu nem posso acreditar  
a mais triste nação  
resiste em ressuscitar...  
caetano  
incita  
resistir  
cantando uma  
nação linda e podre,  
aquarela  
de contrastes,  
o poder de acreditar...

Partindo de uma análise fenomenológica hermenêutica, analisando desde a escolha das palavras empregadas no poema ao retorno a elas mesmas, e na busca de seus elementos constituintes se apreende o estatuto singular que o autor dá ao seu poema, ao passo que possibilita a liberdade de interpretação, e nesse jogo interpretativo e dialogal a poesia consiste em “emprestar” a linguagem aos outros.

Sobre a análise da obra, do ponto de vista estritamente hermenêutico, entendendo-a não como uma forma instrumental de compreensão, mas como algo transcendental, Gadamer (2003, p. 34) vê “[...] a verdade hermenêutica como o próprio filosofar”.

No interesse de discutir e identificar elementos que compõem o modo como a existência humana é apresentada no poema, compreendendo o existir do poeta e da obra como o que comporta a própria “verdade do ser”, o *Dasein*, como abertura que se preserva na palavra, é indispensável revisitar o poema propriamente dito, uma vez que a partir da observação feita o escrito se torna obra, ou seja, é na apreciação estética que a obra se revela, tal qual não se perde de vista os elementos *sui generis* de seu contexto de criação.

O *Dasein*, outro conceito trazido por Heidegger para o centro de descrição da sua experiência filosófica remete ao ser que (está sendo) e se reconhece como tal, diferente do ente intramundano — que está dentro do mundo. Cabe ressaltar que o *Dasein* não pode ser interpretado como uma propriedade diferente do ente, mas sim como uma articulação desde último que sendo está sempre junto ao mundo.

Sobre o conceito de *Dasein* entende-se como um termo alemão e que passa a ser usado no século XVIII. Sobre a constituição do termo *Dasein*, Abbagnano diz:

[...] mas no uso filosófico contemporâneo, essa palavra ingressou com o significado atribuído pelo existencialismo, sobretudo por Heidegger, que a usou para designar a existência própria do homem. Esse ente, que nós mesmos sempre somos e que, entre outras possibilidades de ser possui a de questionar, designamos com o termo *Dasein* (ABBAGNANO, 2003, 888).



Nos dois versos quando o autor escreve “cá neste nosso sítio, a construção já é ruína” ele traz uma amostra de existenciais como o tempo e espacialidade, ao passo em que reitera a percepção do eu lírico em relação ao seu habitar no mundo. Vivendo na impropriedade do modo de existir inautêntico<sup>5</sup> desde que não se reconheça como ser finito, o homem não interpela sua existência, sua temporalidade, apenas se encontra dado ao presente.

Relacionando a obra de arte à realidade para se chegar ao desvelamento oriundo desse encontro, a arte assume, para Heidegger, um dos modos do homem de se chegar ao acontecimento da verdade. Partindo dos pressupostos filosóficos da analítica existencial a verdade deixa de ser pensada como mero conceito lógico — a concordância do enunciado à própria coisa — na busca de se compreender o fenômeno da verdade da obra como ente que se mostra no mundo a partir da sua utilidade.

Ao tratar da verdade como desvelamento do ente clareado pela ocupação prática do homem com o mundo, Heidegger (2005) diz:

As leis de Newton, antes dele, não eram nem verdadeiras nem falsas. Isso não pode significar que o ente que elas, descobrindo, não existisse antes delas. As leis se tornam verdadeiras com Newton. Com elas, o ente em si se tornou acessível com à presença. Com a descoberta dos entes, estes se mostraram justamente como os entes que já eram antes delas. Descobrir é assim o modo de ser da verdade (HEIDEGGER, 2005, p. 298).

O autor convida a pensar na verdade como sendo aquilo que comporta a não verdade (velamento e desvelamento). A verdade em *Ser e Tempo* está relacionada à ocupação que acontece com o *Dasein* no seu momento no mundo, a mundanidade.

Parte-se da premissa que o artista proporciona ao outro a ferramenta necessária para o processo de ocupação do homem com o mundo. Como “produtor de conceitos” o poeta produz e transforma a matéria presente na natureza em instrumentos utilizados pelo outro ente para reconhecer e assumir sua condição mais própria, sem perder de vista que nesse transitar de sentidos o poeta também se faz reconhecer como tal.

A obra de arte desponta como responsável por trazer à luz, a bel-prazer, as bases e desdobramentos da existência humana, tendo como parâmetro a criação poética, instrumento da expressão mais “cristalina” das manifestações humanas. Os símbolos (inclusive os linguísticos) são determinantes na busca do desvelamento do *Dasein* e, conseqüentemente, no processo de humanização do homem.

Deste modo o *Dasein* do poeta, do artista refletido no outro, não é estranho a ele, mas “é com ele”. Dada a estrutura do ser-no-mundo, se há *Dasein*, então ele é com outros, porque ser-no-mundo é ser-com e ser junto de outros.

A obra é oriunda da ocupação do poeta, como aquele que traz à tona a verdade, nesses termos, especificamente no décimo primeiro verso do poema, Tião Pinheiro utiliza a locução “incita” referindo-se a Caetano que o incita por meio de sua canção “Aquarela do Brasil”<sup>6</sup> (que deu origem ao chamado “samba-exaltação” com aspectos extremamente nacionalistas do samba) ao passo que, assumindo ser influenciado por esta, também o provoca inquietude. Nota-se que o sentimento de “desconfiança” em relação à letra da canção citada no poema, além de propor uma interpretação engajada, menos *piegas* da que se conhece sobre ela, revela o choque existencial do poeta causado pela criação do outro que vem ao seu encontro.

Nessa passagem o poeta expõe indícios de noções elementares que compõem o todo existencial do homem no poema *Nem Tanto ao Caos*, haja vista que Tião Pinheiro deixa claro

5 Adj: Que não é autêntico; a que falta autenticidade; falso. In: MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inaut%C3%AAntico>. Acesso em: 15 Mar. 2021.

6 Composta em 1939 por Ary Barroso e gravada pela primeira vez por Francisco Alves e deu origem ao chamado samba-exaltação, vertente extremamente nacionalista do samba.

e manifesto o desvelamento oriundo do contato com outro ente, materializado na música em questão. Ao entrar em contato com o *Dasein* as possibilidades assumidas pelo ente intramundano são inesgotáveis. Cabe aqui salientar a via de mão dupla típica do existir do poeta: ser com e para o outro concomitantemente. Ao existir como ser-com pressupõe que o *Dasein* já compreende os outros no mundo, no modo da convivência e solicitude<sup>7</sup>, Heidegger (2005) assinala:

Do ponto de vista ontológico, o ser para os outros é diferente do ser para as coisas simplesmente dadas. O “outro” ente possui, ele mesmo, o modo de ser da presença. No ser-com e para os outros, subsiste, portanto, uma relação ontológica entre presenças. Essa relação pode-se dizer, já é cada vez constitutiva da própria presença, a qual possui por si mesma uma compreensão de ser, e assim, relaciona-se com a presença. A relação ontológica com os outros torna-se, pois projeção do próprio ser para si mesmo “num outro”. O outro é o duplo sentido de si mesmo (HEIDEGGER, 2005, p. 181).

A análise a ser esmiuçada é o mesmo caminho que envolve o compositor que compõe, ou o autor que escreve um poema e de quem o lê, ao mesmo tempo, entre o artista e a sua própria produção.

Sobre a negligência do existir impessoal, outro modo de ser-com-outros, pautando-se em Heidegger (2005):

O impessoal já sempre impediu para a presença a apreensão dessas possibilidades ontológicas. O impessoal encobre até mesmo o ter-se dispensado do encargo de *escolher* explicitamente tais possibilidades. Fica indeterminado quem “propriamente” escolhe. Essa escolha feita por ninguém, através da qual a presença se enreda na impropriedade, só pode refazer-se quando a própria presença passa da perdição do impessoal para si mesmo. Essa passagem, no entanto, deve possuir o modo de ser por cuja *negligência* a presença se perde na impropriedade (HEIDEGGER, 2005, p.346).

Essas inter-relações, enquanto o perceber de si e do outro pelo *Dasein* são colocadas em prática na busca de um transcender de si, própria do *Dasein*, de expandir rumo a um existir diferente do que é. O desvelamento do *Dasein*, como acontece com a verdade, é concebido por meio de uma das formas de inteligência manifestadamente humana, que tão bem o constitui, quiçá a mais autêntica: a arte.

A arte está intimamente relacionada ao *know-how* criativo do homem compondo os “tipos de linguagens” intraduzíveis que competem em preencher as lacunas semânticas das locuções verbalmente expressas.

Fazendo uma analogia da relação entre leitor, obra e autor e a relação do ser do *Dasein* e mundo com o qual ele se ressignifica — enquanto mudança da percepção de algo que já foi — fica evidente a interdependência que é estabelecida entre ambos, acerca da obra essa mutualidade se estabelece ao levar a cabo a busca por interpretá-la.

Sobre a sociabilidade humana dada pela ocupação do ser no mundo, a obra poética possibilita ao receptor a oportunidade de interpretação e desvelamento daquilo que seria impossível sem ela. A verdade presente na linguagem se mostra ao mundo a partir da ocupação

<sup>7</sup> Fürsorge (preocupação ou solicitude) é descrito por Heidegger como modo de ser do *Dasein* como ser-um-com-o-outro (INWOOD, 2002, p. 26).

do poeta. Sobre essa especificidade, Heidegger (2005) enfatiza:

Do mesmo modo, junto com o material empregado, também vem ao seu encontro o seu produtor ou “fornecedor”, enquanto aquele que serve bem ou mal. O campo, por exemplo, onde passeamos “lá fora” mostra-se como o campo que pertence a alguém, que é por ele mantido em ordem; o livro foi comprado em tal livreiro, foi presenteado por... assim por diante (HEIDEGGER, p. 169, 2005).

Vindo ao seu encontro o ente intramundano proporciona o *Dasein*<sup>8</sup> que ele se ocupe dando uma ressignificação de si, e como *Dasein*, possibilita a ambos que “se reconheçam” dentro de suas conjunturas complexas. Parte aqui da premissa existencial que “quem está lançado ao mundo produz algo”, voluntariamente ou não.

Ao expressar sua reação no que se refere à canção o poeta faz uma leitura daquilo que ele mesmo escrevera, dando o clareamento da verdade do ser proporcionado pelo seu fazer poético. A poesia dá ao autor a chance de ler e reconhecer o seu ser, tornando-o cada vez mais íntimo e distinto dos entes no mundo.

Nessa relação de alteridade<sup>9</sup>, e fazendo uma releitura ética da obra “Ser e Tempo”, conjectura-se aqui que o *Dasein* — e só ele — pode alcançar a categoria de, posteriormente, poder refletir sobre sua existência e a dos entes que o cercam. Sobre alteridade segundo a analítica existencial, Duarte (2002) conta:

Segundo a interpretação aqui proposta, a chave para uma possível leitura ética da analítica existencial se encontra nesses parágrafos, nos quais Heidegger nos revela o estranho apelo de uma alteridade que já habita cada um, e que tem de ser pensada como a condição ontológica do reconhecimento de si e do outro enquanto singularidade irreduzível, isto é, como alteridade (DUARTE, p.161, 2002).

Elucubrando a ideia de que, como “ser-no-mundo” — e não apenas “dentro do” como os outros entes — o poeta consegue se reconhecer como ser que está em constante expansão, frente a um horizonte de possibilidades, o que possibilita ao outro que assim o faça. O cuidado, inerente ao ser do *Dasein* desponta como um aprofundamento determinante na busca do seu sentido próprio, haja vista que eliminar o exercício da alteridade desconsideraria o *Dasein* dos outros entes.

Quando no poema o autor faz uso da palavra “incita” ele vislumbra um exercício de alteridade, visto que reconhece o outro como parte constituinte de si, cujas ideias vêm fundir aos seus horizontes<sup>10</sup> na busca de uma síntese cada vez mais própria, oriunda desse encontro. Ao esclarecer, Gadamer (2003) conta:

[...] só o aprofundamento da negatividade implicada na questão da historicidade permite ultrapassar a ontologia substancialista clássica e o seu conceito de verdade. Não existem verdades eternas. A própria verdade é agora história,

8 Dotado de privilégios, o ente que em seu ser compreende “ser” e transgride da subexistência que se resume a apenas estar “dentro” do mundo.

9 Para Furtado (2012, p. 1) “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. Essa é a mais breve e frequente definição de alteridade encontrada em dicionários. O termo alteridade possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e dialogar com esse outro”.

10 Conceito que trata dos limites de compreensão criado pela posição na qual o indivíduo se encontra, a sua perspectiva (GADAMER, 2003).

é a revelação do ser, que está dada com a historicidade do ser-  
aí (GADAMER, 2003, p. 411-412).

O autor explicita que o *Dasein* busca na fusão de horizontes expandir sua perspectiva existencial ao passo que promove a expansão a outros horizontes.

Em Abbagnano (2003, p. 34-35) “alteridade “vem do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”.

Sobre essa troca ininterrupta, atenta-se para as características do modo de ser do *Dasein* em relação ao “estar-dentro-mundo” com os entes que o circundam que não se tratam de entidades estranhas, de dois entes avulsos, posto que o existir se dá por meio de um entrelaçamento ontológico dotado de sentidos, guiado pela circunvisão do *Dasein*. Quando passa a se reconhecer fora da cotidianidade, como ser que reflete e interroga sobre a sua própria existência, alcança, posteriormente, uma propriedade privilegiada, incluindo a percepção dos outros entes.

Ao passo em que o *Dasein* alcança sua propriedade de ser, não diferente do outro, mas que se reconhece no outro, está sempre colocando em jogo, concomitantemente, seus modos de ser, sendo um destes o ser com/para o outro.

Em conformidade com a analítica existencial, a expressão “nosso” empregada no primeiro verso do poema propõe uma exegese apurada, em especial no que o “viver com o outro” proporciona ao *Dasein*, nesse caso o ser do poeta se apresenta como ser que se angustia.

Ao revisitar o poema “Nem tanto ao caos” salta aos olhos o desvelar ao qual o ser do poeta se propõe, fazendo da sua poesia uma clareira interpretativa para que a realidade, tanto do autor como do leitor/observador se evidenciem. O *Dasein* busca, amiúde, alcançar uma maneira cada vez mais própria de ser, explicando a respeito, Heidegger (2005) especifica:

De acordo com a análise aqui desenvolvida, porém, o ser com os outros pertence ao ser do *Dasein* que, sendo, está em jogo o seu próprio ser. Enquanto ser-com, a pre-sença é, essencialmente em função dos outros. Isso deve ser entendido, em sua essência, como uma proposição existencial (HEIDEGGER, 2005, p. 175).

Logo, aquele que pode oferecer acesso ao sentido do ser, de estar e se posicionar em relação aos outros *Dasein* é o ente denominado pre-sença.<sup>11</sup> Quando no oitavo e nono verso do poema o autor escreve: a mais triste nação resiste em ressuscitar.

Infere-se que a palavra “ressuscitar” é o retorno do eu lírico (o ser do poeta) que se reconhecendo como ser finito retorna a sua condição mais própria de ser. Mesmo a escolha das palavras empregadas no poema pressupõe uma arbitrariedade, ou seja, todo *Dasein* se distingue dos outros entes enquanto é, e busca um modo de ser cada vez mais autêntico e próprio que nunca está pronto. São os existenciais como o tempo que garantem ao *Dasein* a sua abertura, logo passa a se reconhecer como ser distinto dos outros entes frente as suas idiosincrasias.

O poeta, *Dasein*, alcança a categoria privilegiada de seu existir, e fala não a partir de uma subjetividade imanente e puritana, mas a partir do outro, pelo outro e para o outro. Mesmo a mais despreziosa das criações poéticas, partindo de um olhar contemplativo, é vista pelo viés existencial como um modo de posicionamento, e conseqüentemente de produção para o ente.

<sup>11</sup> Heidegger (2005, p. 63-64) diz “A clareira da abertura e o estabelecimento no aberto pertencem um ao outro. São um mesmo estar-a-ser do acontecer da verdade. Este é um acontecer histórico, [que se dá] de múltiplos modos”.

## O ser-para-a-morte na poesia de Tião Pinheiro: Uma Análise Existencial

No que se refere ao seu desvelamento ininterrupto, o *Dasein*, e o seu modo de se relacionar com outros entes e consigo — porque se relaciona não só com o ente, mas com o seu próprio modo de existir — transcende em sua própria existência, expandindo-se de modo geral, culminando na sua “caminhada para a morte”. É a apropriação da possibilidade mais própria de ser, que provém do futuro (lançando à frente) a partir da realização precursora da morte, que proporciona ao *Dasein* retornar a si mesmo.

A tradição filosófica proporcionou o que Heidegger chamou de “o esquecimento do sentido do ser”, tratando-o de maneira ôntica, como mero recorte do seu sentido autêntico. Ao compreender a cotidianidade mediana do *Dasein* conduz a investigação a uma última instância, a sua compreensão geral, angustiada por estar lançado à ameaça indeterminada da morte, um dos modos cotidianos do ser-no-mundo, esse mundo mais próximo ao *Dasein* é descrito pelo autor como “mundo circundante” (HEIDEGGER, 2005).

A angústia<sup>12</sup> é vista como o caminho para interrogar a si próprio na busca pela apreensão do sentido do ser. O *Dasein*, abordado na poesia de Tião Pinheiro é a verdade desvelada à medida que é concebido poeticamente. Assim sendo o poeta escreve nos versos a verificar: e, fora da nova ordem mundial, tem a morte e tem o amor, a poesia e tem a prosa.

Nos versos do poema nos quais o autor cita “tem a morte e tem o amor, a poesia e tem a prosa” a linguagem poética é revelada pela incidência de uma metalinguagem como possibilidade de desvelamento para outros existentes. Ao ser percebida pelo leitor a poética já pressupõe a existência do leitor.

É evidente que o poema aborda elementos passíveis de uma investigação com base na análise da existência, e dentre outros existenciais que constam na obra destacam-se a morte e angústia. Tanto a morte quanto a angústia abordadas no poema são determinantes na busca do sentido do ser, o qual Heidegger propõe investigar esmiuçando sua ontologia fundamental.

Para se elevar à condição de ser, próprio do *Dasein*, pressupõe que o homem em algum momento seja “tocado” pela angústia haja vista que a angústia é a abertura privilegiada do *Dasein*. Esse estalo provocado pela angústia coloca o *Dasein* frente ao seu fim, pondo em jogo a compreensão do seu próprio ser junto aos outros entes, assumindo sua existência autêntica. Ainda sobre as especificidades que envolvem a angústia, Heidegger (2005) alega:

O com quê da angústia é inteiramente indeterminado. Essa indeterminação não apenas deixa indefinido que ente intramundano “ameaça” como também diz que o ente intramundano é irrelevante. Nada do que é simplesmente dado ou que se acha à mão no interior do mundo serve para a angústia com ela angustiar-se. A totalidade conjuntural do mundo e do ser simplesmente dado que se descobre no mundo não tem nenhuma importância, ela se perde em si. O mundo possui o caráter de total insignificância. Na angústia não se dá o encontro disso ou daquilo com o qual se pudesse estabelecer uma conjuntura ameaçadora (HEIDEGGER, 2005, p. 250).

Haja vista que a angústia não ostenta um ente mundano que a motive, uma causa intramundana, isso a diferencia, inclusive, do medo. Uma pessoa pode dizer que tem medo de altura, de inseto, ou de uma determinada situação, e isso já esclarece o objeto intramundano responsável pela causa desse medo, por outro lado a angústia não apresenta um agente que a motive, e essa é a sua característica fundamental na analítica existencial.

<sup>12</sup> O conceito de angústia empregado na analítica existencial é fortemente inspirado na filosofia de Soren Kierkegaard. A angústia, segundo Kierkegaard, pode ser entendida como a atitude do homem diante de sua situação no mundo.

No que diz respeito aos dois versos supracitados, quando o autor conta “cá, neste nosso sítio, a construção já é ruína” percebe-se a inquietude na escrita, e que em alguma medida é causada pela percepção de um mundo que não é o mesmo de outrora e jamais o será. A percepção de temporalidade e espacialidade por parte do eu lírico no poema estabelece um nexos com o ruir do seu próprio *Dasein*, se reconhecendo e interrogando, o que o constitui como tal, visto do prisma ontológico.

Heidegger propõe pensar a angústia como sendo uma especificidade do ser do *Dasein* que angustiado mergulha na busca fenomenológica do sentido do seu ser, que então se reconhece e passa a interrogar a si próprio sobre as suas possibilidades de ser num determinado tempo que não é mais estranho a ele, mas que ressoa e se manifesta a partir do que se compreende como intencionalidade, manifestação do *Dasein*. O tempo é o próprio *Dasein* revelando-o como ser-para-a-morte, sendo a morte o dado mais significativo da existência.

Tião Pinheiro trata da morte no poema ao se reconhecer como ser finito (leia-se “ser para a morte”). O aspecto temporal tratado no poema “Nem tanto ao caos” revela o que na filosofia de Heidegger, em sua análise existencial, coloca e pensa o homem em sua temporalidade, a qual, sob todos os seus planos existenciais assume, individualmente, a sua própria existência.

Lançado ao mundo o *Dasein* está condenado a ser, e por estar lançado nesse mundo de possibilidades, o homem se angustia porque ele (*Dasein*) deduz que existir é uma de suas possibilidades.

A angústia, como a ruptura com a cotidianidade de uma vida irrefletida permite ao *Dasein* que ele possa interrogar o seu próprio modo de ser (sempre transgredindo dele). O despertar da angústia possibilita ao ser do *Dasein* se revelar. Partindo dessa premissa existencial infere-se que tanto a filosofia de Heidegger quanto a poesia de Tião Pinheiro logram a função de trazer à tona a verdade do ser como um “convite à vida”.

A morte assumida pelo *Dasein* como parte constitutiva do seu existir o possibilita alcançar o que na análise existencial se conhece como existência autêntica. É pela indeterminação da morte que o *Dasein* se angustia com o seu próprio ser, sendo a angústia o elemento revelador do modo temporal e finito do *Dasein*. Sobre esse aspecto paradoxal da morte, Werle (2003) pondera:

Entretanto, o caráter aparentemente negativo da morte apenas se coloca quando a morte é tomada no sentido vulgar de ser o momento do término físico da vida. Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma (WERLE, 2003, p. 111).

A percepção da morte se dá como a percepção da própria noção do ser do *Dasein*, pois ela só tem sentido para o ser que existe no mundo. A morte é tratada pelo ente como mero fim da presença intramundana, de outra forma, para a analítica existencial a morte é vista como fator primeiro no desvelar da existência do *Dasein*.

### **A poesia de Tião Pinheiro vista como abertura Existencial do Projeto de Possibilidades do *Dasein***

A angústia manifestada no poema de Tião Pinheiro é a revelação do nada, na qual ocorre a revelação do mundo como tal para o *Dasein*. O *Dasein*, não sendo o mesmo de antes, não o será amanhã.

Evidencia-se no poema citado a ideia de uma alteridade que habitando em cada *Dasein*,



o possibilita ser cada vez mais próprio<sup>13</sup> à medida em que se relaciona com os outros entes, porque tanto para o autor quanto para o leitor a poesia se revela como meio de identificação e posteriormente, uma abertura existencial e clareadora do ser. Em contato com a poesia, o existir do *Dasein* se reconhece, também, como sendo diferente do que já foi, e essa mesma “lucidez existencial” só é possível porque o *Dasein* (e só ele) goza da capacidade de “ser”, por se reconhecer no eu lírico, se angustia também por estar condenado a ser. Assim como a morte, o nascimento é para o *Dasein* o seu fim (um começo do fim).

Só o *Dasein* enquanto um modo privilegiado de ser do ente percebe a morte como parte constituinte da existência, e que está sempre cada vez mais próximo dela. É na angústia que o *Dasein* alcança uma condição mais elevada e própria de ser. Trazendo o homem para o centro da especulação filosófica, a ontologia fundamental empreendida por Heidegger tem como cerne de investigação os modos próprios de ser do homem por meio da angústia de ser. É passível de análise o fato de Tião Pinheiro trazer amiúde o arquétipo de angústia em seu escrito desencadeado pelo “ter-de-ser” do *Dasein*.

Deduz-se que a poesia tem pontos de contato com a oratória, dentre estes pontos destacam-se as “licenças poéticas” que se vistas fora de seu âmbito de criação são consideradas inadmissíveis, contudo num contexto apropriado são aceitáveis, e se vista do viés analítico existencial, a poesia é a forma pela qual a verdade é explicitada aos olhos do observador/leitor. Tem-se como meta explícita da fala “poética” comunicar as possibilidades existenciais da abertura da existência (HEIDEGGER, 2005).

Sobre a linguagem como morada do *Dasein* e guardada pelo poeta, Heidegger (2005) argumenta:

O índice linguístico próprio da fala em que se anuncia o ser-em da disposição está no tom, na modulação, no ritmo da fala, “no modo de dizer”. A comunicação das possibilidades existenciais da disposição, ou seja, da abertura da existência, pode tornar-se meta explícita da fala “poética” (HEIDEGGER, 2005, p. 225).

Heidegger propõe pensar a poesia como um modo de apreensão da verdade, porque é através dela que a verdade é revelada, resultante do contato entre artista, obra e leitor, mas que não deve ser confundida como verdade absoluta, enquanto *Veritas*. Aqui verdade é tratada como o que se constitui como fenômeno, a essência da poesia é descoberta ao ser interpretada, ao passo em que dá possibilidades de clareamento também a quem a observa, equiparando seus horizontes.

A experiência estética daquele que observa a obra, atualiza, a cada interpretação, sua própria imagem e vivências tratadas na obra. Essa experiência estética, próxima ou não, é colocada frente a frente com a experiência existencial de quem a observa. Infere-se que o “descobrimto da verdade da obra” leva o leitor ao clareamento do seu próprio ser. Ao ler a obra o leitor retorna, lê e interpreta a si próprio.

Sobre a linguagem poética como lugar de repouso do *Dasein*, faz-se entender que suas particularidades só existem porque alguém as invocou, discurso e homem passam a ser o mesmo, pois é, também, pelo discurso que as coisas (os entes) passam a se fazer presentes na natureza, sobretudo a identidade do que é “ser humano”, as suas complexidades e nuances são clareadas pela modulação e ritmo do fazer poético.

O *Dasein*, capaz de perceber e reconhecer os outros entes, se coloca em propriedade de existente. O ente (o outro) vindo ao encontro do poeta que escreve, e o poeta que vai ao encontro do leitor possuem ambos uma similaridade: eles não se apresentam de maneira direta, mas a partir dos instrumentos (outros entes) disponíveis no mundo. Sobre esse encontro, Heidegger (2005) escreveu:

<sup>13</sup> O que não está relacionado à escolha de qualquer possibilidade mundana, ou de atos voluntários, em contrapartida Heidegger pensa na necessidade de se recuperar para si a possibilidade de escolha (DUARTE, 2002, p. 177).

O encontro com os outros não se dá por meio de uma apreensão prévia em que o sujeito, de início já simplesmente dado, se distingue dos demais sujeitos, nem numa visão primeira de si onde então se estabelece o referencial da diferença. Eles vêm ao encontro a partir do mundo em que a pre-sença se mantém, de modo essencial, empenhada em ocupações guiadas por uma circunvisão (HEIDEGGER, 2005, p. 170).

É a necessidade de se ocupar com os outros entes concebida por meio de símbolos e representações em meio a um tecido de intersubjetividade que compõe o cotidiano existencial no qual o *Dasein* nunca se vê como uma presença “pronta e acabada”, por isso ele não se limita a definições.

A predisposição à linguagem poética em *Ser e Tempo* conduz a investigação a um dialogismo no qual consiste na doação da linguagem ao outro (o leitor/pensador) que a ele se doa a poesia pela leitura. Como *Dasein* que é no mundo o poeta é nomeado a fazer existir guardando a existência no labor poético no qual a linguagem acontece em sua própria essência.

## E Para (Não)Concluir

Mantendo uma distinção entre a criação poética e as que pertencem às outras áreas como das ciências positivas, Heidegger propõe pensar a arte como exposição do real, que pela palavra comporta o ser do *Dasein* desvelando-o, pois a arte desvela o ente, não determinado, mas aberto em possibilidades de ser.

Buscou-se aqui uma aproximação do poema de Tião Pinheiro com a analítica existencial proposta por Heidegger a fim de se entender, de maneira ontológica, o sentido do ser no poema “Nem Tanto ao Caos” do escritor tocantinense Tião Pinheiro, também, como abertura doada ao leitor/pensador que a toma para si por meio da dialogação.

A tempo cabe um parêntese em relação a proposta do trabalho e o seu desdobramento. Ocupou-se não apenas de desnudar o sentido do ser do *Dasein* na obra tocantinense, mas no próprio poeta enquanto elemento que (co)existindo no mundo se expressa, desvelando-se e se reconhecendo como um ser diferente (percebendo a si o outro). O ser do *Dasein* e o seu “vir a ser” é um aspecto da filosofia heideggeriana que trata tanto o poeta quanto a sua obra como possibilidade dialogal de abertura para outros existentes. Isso é concebido pela fusão de horizontes, um possível se fazer expor pela arte não como uma forma instrumental de compreensão, mas como prática transcendental e de maneira indeterminada, o que a diferencia do conhecimento positivo científico.

Ao se questionar a vigência da análise ontológica do homem, partiu-se do pressuposto que a expressão artística, sobretudo a poesia, não se limita à mera criação destinada a um grupo de homens (artistas e consumidores da arte), pois alcança o prestígio — a lume da analítica existencial — da possibilidade de uma forma de desvelamento da verdade tanto da obra quanto do autor e leitor, sendo a verdade tratada aqui como a própria essência da poética resguardada pela linguagem aos cuidados do poeta/pensador.

## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, V. 2.

DUARTE, A. Heidegger e o Outro: a questão da alteridade em *Ser e tempo*. **Natureza Humana** 4 (1): 157-185, jan.-jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n1/v4n1a05.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

FURTADO, J. **Docência e alteridade**. Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo. 2012.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método**. 5ª. Edição revisada. Trad. de Flávio Paulo Meurer, nova revisão de Enio Paulo Giachini e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (parte I). 15 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2005.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Trad. Luisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

LACEY, A. R. A. **Dictionary of Philosophy**. —3rd edn. 1. Philosophy— Dictionaries I. Title, 1996.

PINHEIRO, J. S. **De Sonhos e de Construção – Poemas**. Palmas: Provisão Estação Gráfica e Editora Ltda., 2008, p. 96.

SARTRE, J. **O Existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural. (Coleções Os Pensadores), 1973.

STEIN, E. **Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

WERLE, M. **A Angústia, o Nada e a Morte em Heidegger**. Trans/Form/Ação, São Paulo, 26 (1): 97-113, 2003.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.